

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES ( PÔSTER )

NOME: ANA MARIA ZANONI DA SILVA

TÍTULO: A CONFIGURAÇÃO DO FANTÁSTICO EM "OS NEGROS" DE MONTEIRO LOBATO

AUTORES: ANA MARIA ZANONI DA SILVA

ORIENTADOR:

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): \_\_\_\_\_

PALAVRA CHAVE: Monteiro Lobato; fantástico; consciência estética

## RESUMO

O brasileiro José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) tornou-se conhecido pela crítica devido a uma diversificada produção literária, geralmente, dividida pela crítica em duas categorias distintas. Na primeira categoria estão as histórias voltadas ao público infantil como O Pica-pau Amarelo, Reinações de Narizinho, As Caçadas de Pedrinho, Emília no País da Gramática, Memórias da Emília, O Poço do Visconde etc. Na segunda, enquadram-se as histórias de cunho nacionalista, ligadas ao regionalismo brasileiro, como Urupês, O Choque das Raças, Escândalo do Petróleo e Negrinha – coletânea que reúne contos do escritor, da qual extraímos o conto em apreço.

O conto "Os negros" foi publicado por Monteiro Lobato em 1922, e retrata a viagem do narrador homodiegético e seu amigo Jonas pelas regiões em que há um século existia a cultura cafeeira. Em conformidade com Zilberman (1987), o narrador autodiegético ou homodiegético é uma escolha estética comum nos contos em que o fantástico se revela gradativamente. Em "Os negros", o narrador homodiegético constitui uma peça fundamental na criação do efeito de fantástico, porque, além de revelar-se conhecedor dos "casos" contados pelos negros, ele não será o protagonista dos fatos narrados, mas a testemunha dos acontecimentos insólitos. Histórias de teor horrípante e povoadas por vampiros, espectros e seres disformes compõem o imaginário popular desde os tempos primitivos. Bordini (1987) afirma que vampiros e fantasmas são mencionados nos Vedas, na Bíblia Judaica e nos Clássicos Gregos. Na Idade Clássica as manifestações do sobrenatural vinculavam-se à cultura popular e ao paganismo religioso e, portanto, não geravam o horror. Porém, com a divisão do universo entre bem e mal, Deus e o demônio, luz e treva, feita pelo cristianismo, durante a Idade Média, o elementos sobrenaturais passaram a ser vistos como atuantes na organização do real. Naquela época, portanto, o sobrenatural, não provocava o efeito de horror.

Na concepção de Bordini (1987), o gênero horror efetivou-se durante os séculos XVIII e XIX, momento em que houve uma mudança nas formas de percepção do real, propiciada pelo ateísmo liberal e o materialismo capitalista. Naquele período, o homem passou a crer na ciência e na razão e a desconfiar dos misticismos e da loucura. Mediante o descentramento e a alienação humana, que vieram à tona naquele período, surge o conto gótico, cujo efeito estético faz o leitor oscilar entre a explicação metafísica e física do universo que o cerca, permitindo assim a irrupção do sobrenatural.

O marco da literatura gótica, ou seja, daquela em que há a irrupção do sobrenatural para provocar o efeito de horror, vem a ser o livro O castelo de Otranto de Horace Walpole, publicado em 1764, obra em que entra em cena o castelo em estilo gótico, com escadarias, corredores labirínticos, catacumbas úmidas e trevosas, habitado por vilões movidos por forças malévolas e seres fantasmagóricos.

Para Louis Vax, o fantástico presente nos romances góticos constitui um maravilhoso aterrizante, porque embora os castelos assombrados sejam inquietantes, eles são concebidos como imaginários, ou seja, irreais. Na concepção de Vax o fantástico ocorre quando homens como nós, que habitam o real, são "colocados de repente na presença do inexplicável" (1974, p.6).

Tomando por base os pressupostos teóricos de Louis Vax, Todorov, Bordini entre outros, este trabalho tem por objetivo discutir a configuração do fantástico na trama ficcional do conto "Os negros" obra do escritor brasileiro Monteiro Lobato, objetivando demonstrar a consciência estética do escritor em relação tanto à obtenção do efeito estético desejado, quanto à adaptação e atualização dos motivos e temas mais propícios a irrupção do fantástico na narrativa.

